

1979

DISCURSO DE FIDEL CASTRO NO ATO CENTRAL PELO XXVI ANIVERSÁRIO DO ASSALTO AO QUARTEL MONCADA, EFETUADO NA PRAÇA DA REVOLUÇÃO "GENERAL CALIXTO GARCIA IÑIGUEZ" DE HOLGUIN, EM 26 DE JULHO DE 1979, (extratos)

Heroicos combatentes sandinistas;
Companheiros da Direção do Partido e do Governo; Holguineiros; Orientais;
Compatriotas:

Há duas semanas pensávamos que neste ato se falariam diversos temas, e entre outros, o tema dos êxitos e dos méritos desta região; da sua enorme transformação que pode se ver em todos os cantos da região e da cidade; da sua impetuosa marcha e seu progresso, das suas novas construções, das suas novas fábricas, do seu espírito trabalhador, dos seus êxitos na produção. O grande mérito que significa o fato de haver produzido 764.000 toneladas de açúcar nesta safra; 150.000 toneladas mais que no ano anterior, contribuindo a que nosso país alcançasse nesta colheita uma produção açucareira de 7.992.000 toneladas, faltando-nos só 8.000 toneladas para alcançar os 8 milhões de toneladas, superando em mais de meio milhão a produção do ano passado, enfrentando-se com condições climáticas adversas no país.

Pensávamos isto. Pero, quando em menos de 48 horas soubemos que nosso povo teria uma honra extraordinária, que um numeroso contingente de combatentes, de chefes abnegados e heroicos, de dirigentes do povo irmão da Nicarágua desejavam estar conosco neste 26 de Julho, compreendi que este ato de hoje se converteria inevitavelmente em um ato sandinista

Do que falar, de que outra coisa se podia falar, que acontecimentos mais extraordinários nestes tempos, que fato de maior relevância histórica, de maior significado ocorreu nestes últimos tempos que a vitória sandinista na Nicarágua? Que tocou mais profundamente nos nossos sentimentos, que nos interessou mais nestas semanas, que nos emocionou mais e alentou mais que esta popular e heroica vitória? E que honra maior poderíamos receber, que maior realce poderia ter esta data revolucionária nossa, que maior honra para esta cidade e região que a visita fraternal, afetuosa e solidária desta constelação de heroicos, valorosos, inteligentes e capazes Comandantes e combatentes da Frente Sandinista de Libertação Nacional da Nicarágua?

Digo solidária, porque nós também necessitamos de solidariedade; digo estimulante, porque também necessitamos desses estímulos. Solidária, estimulante, porque durante tanto tempo foi quase um crime visitar Cuba; durante tanto tempo o imperialismo tratou de cortar os laços com nossos povos irmãos da América Latina e do Caribe; durante tanto tempo que nos bloqueiam, durante tanto tempo se proibiu e se impediu a aproximação e desenvolvimento dos laços naturais, históricos, lógicos entre o povo nicaraguense o povo cubano.

Durante tantos anos temos recordado e chorado os nossos irmãos que morreram combatendo em Girón, daquele ataque que partiu precisamente do território nicaraguense, em um dos mais infames serviços prestados pelo tirano ao imperialismo, posto que este mesmo Somoza era o chefe do Estado Maior do Exército da Nicarágua quando dali partiam os bombardeiros B-26 a bombardear nossos lares, a matar famílias camponesas, mulheres e crianças, a descarregar toneladas de bombas sobre nossos milicianos e soldados.

Como não ver neste gesto dos sandinistas, neste gesto espontâneo... Porque não foi nossa a iniciativa, já que nós sabemos toda a tarefa que têm agora, todo o trabalho, toda a necessidade da sua presença no país, especialmente nestes dias iniciais. Não teríamos sido capazes de pedir-lhes esta honra, esta imensa, infinita honra, que partiu inteiramente deles.

Prova de valor político do sandinismo, prova de valor revolucionário, porque conhecemos este mundo e sabemos que nem sempre sobra o valor político e o valor revolucionário.

Eles não tiveram preconceitos, não temeram vir aqui. Eles não tiveram que pedir permissão a ninguém para vir a Cuba. Eles não tiveram que prestar contas a ninguém, nem preocupar-se com a opinião de ninguém.

Prova de honestidade política, porque não andam com simulações, não negam que são amigos de Cuba, que sentem respeito por Cuba, que são solidários com Cuba. São abertos, não têm medos. E, por isso, creio que inspirarão confiança não só ao nosso povo como a todos os povos e na opinião política mundial.

Não têm preconceitos, apesar do falatório, das intrigas, de que agora virão as campanhas, de que agora virão as acusações, depois que passe a lua de mel da vitória.

Não tem preconceitos porque não temem que confundam a Revolução Nicaraguense e a Cubana, porque eles estão acima destes preconceitos. E nem por isso vão dizer que as duas revoluções são exatamente iguais. São duas revoluções profundas, iguais em muitas coisas e diferentes também em muitas coisas, como têm que ser todas as revoluções verdadeiras.

Isto é importante para nosso povo, importante também para a opinião mundial. Cada país tem seu caminho, tem seus problemas, tem seu estilo, tem seus métodos, tem seus objetivos. Nós temos os nossos, eles os seus. Nós fizemos de uma maneira, nossa maneira; eles farão à sua maneira. Semelhanças: eles alcançaram a vitória por um caminho semelhante ao nosso; eles alcançaram a vitória da única forma em que, tanto eles quanto nós, podíamos libertar-nos da tirania e do domínio imperialista: com as armas na mão, lutando duramente, heroicamente.

(...)

As bandeiras de Fonseca foram erguidas por jovens combatentes. Sim, aqui falou-se da média de idade de 20 anos, porém, os dirigentes, que média de idade têm? Trinta, trinta e tantos, alguns, os mais antigos, que começaram a lutar desde que tinham praticamente 15, 16, 17 anos, e enfrentaram as dificuldades e obstáculos durante 20 anos. Vinte anos para colher os primeiros frutos da semente plantada, cultivada e regada com sangue durante tanto tempo, para alcançar a vitória em meio a uma verdadeira epopeia popular.

Quem de nós viu nos cinemas, na TV, nos livros e revistas, as imagens da brutal e incrível repressão, a inescrupulosa e genocida guerra desata contra o povo nicaraguense pela tirania somozista? Quem não viu as imagens das mães chorando pelos seus filhos, pelos seus filhos queridos; as imagens dos filhos chorando por seus pais, dos lares destruídos, da montanha de cadáveres, das torturas, dos assassinatos, dos bombardeios das cidades? Quando se viu semelhante caso de barbárie?

Quando se viu uma força aérea descarregar toneladas e toneladas de bombas sobre as cidades do próprio país? Sobre Manágua, sobre Masaya, sobre León, sobre Estelí, sobre esse conjunto de cidades mártires.

Quando não se detinha em dar a ordem de lançar bombas de 500 libras sobre bairros povoados e inclusive superpovoados, fatos que realmente encheram o mundo inteiro de indignação e assombro e que, de certa forma, contribuíram para criar essa gigantesca campanha e esse sólido sentimento de solidariedade com o povo nicaraguense e os combatentes sandinistas.

Estes foram os frutos da intervenção imperialista na Nicarágua. Aí estão os frutos da intervenção, aí estão os frutos amargos da política imperialista no nosso hemisfério. Porque foram eles que forjaram, impulsionaram e apoiaram esses regimes sangrentos, repressivos, reacionários, tirânicos, fascistas, no nosso hemisfério. E se disse, creio que o próprio Somoza disse, que sempre votou junto com o governo dos Estados Unidos na ONU.

A política dos Estados Unidos em todo o mundo criou este tipo de regimes políticos, em todo o mundo! Não só na nossa América, em todos os continentes sem exceção!

(...)

O triunfo sandinista não é só a vitória diante dos 45 anos de somozismo; é a vitória frente a 150 anos de dominação estrangeira no país, é a vitória alcançada sobre séculos e séculos de conquista, de exploração e domínio estrangeiro; porque, se algo pode assegurar-se é que, pela primeira vez, o povo nicaraguense é totalmente livre e independente em toda sua história, quando em 19 de julho as aguerridas colunas de combatentes sandinistas entraram em Managua, já que do domínio espanhol nossos povos passaram ao domínio ianque, especialmente a América Central, que se converteu em objeto de intervencionistas e até de piratas. Portanto, comemora-se não só o dia do triunfo da Revolução, como também o dia do triunfo da independência da Nicarágua, dois grandes e transcendentais objetivos históricos numa mesma batalha. Essa é a importância e o significado que tem para nós a vitória da luta de FSLN.

Porém, esta vitória sandinista, esta luta, significa mais que isso. Em torno da luta sandinista criou-se uma grande solidariedade internacional, uma grande unidade de toda a esquerda centro-americana e latino-americana; Em torno da luta sandinista criou-se, de forma tácita, o que podemos chamar uma grande frente democrático-independentista-anti-intervencionista na América Latina, algo que tem significado histórico e enorme importância.

Na América Latina e no Caribe, no âmbito deste hemisfério, o sandinismo estimulou o sentimento independentista e anti-intervencionista dos povos latino-americanos. Isto teve seu momento mais destacado, seu momento culminante, na última reunião da OEA. Mencionamos ela pela primeira vez sem epítetos, porque pela primeira vez, se produziu uma verdadeira insubordinação dos Estados latino-americanos, e isto é muito sintomático, já que os setores mais reacionários e agressivos dos Estados Unidos aconselharam a atual administração norte-americana seguir um caminho intervencionista na Nicarágua, e os Estados Unidos propôs nessa reunião a criação de uma Força Interamericana de Paz, diziam que era para levar a paz para a Nicarágua...

(...)

E os pretextos eram "muito nobres" como sempre: "levar a paz ao sofrido povo da Nicarágua"; para que não chegasse este momento, que não chegasse o 19 de julho. Um mês depois, os sandinistas levaram a verdadeira paz, a paz de um povo feliz, vitorioso, cheio de sofrimentos, sim; porém, cheio de esperança e de otimismo no futuro.

(...)

E deve-se dizer que a proposta dos Estados Unidos ficou isolada. No final adotaram uma posição inteligente. Se votavam a favor da proposta dos Estados Unidos, quer dizer, a favor da proposta intervencionista se juntariam com o Paraguai e Somoza, porque o único que queria a intervenção, que votou abertamente pela intervenção era Somoza e creio que Paraguai.

(...)

Porém, temos que dizer que a decisão, o resultado dessa reunião constituiu uma grande vitória dos povos da nossa América e contribuiu para o desenvolvimento deste espírito de solidariedade com a Nicarágua; e, na posição mantida na OEA deve-se destacar o papel do Panamá, da Costa Rica, da Venezuela e demais países do Pacto Andino, do México, da Jamaica, de Granada e outros. Na criação desta frente democrática, anti-intervencionista que se criou, deve-se mencionar não só nomes de países, também de pessoas: os nomes de Torrijos, de Carazo, de López Portillo, de Manley, de Bishop. E também é justo recordar o nome de quem, ainda quando já não é presidente em seu país, ajudou muito no desenvolvimento desta solidariedade com a luta sandinista: o ex-presidente da Venezuela, Carlos Andrés Pérez.

(...)

Manter este clima, manter esta frente, manter este espírito é muito importante para todos os povos que ainda sofrem sob o fascismo e sob as mais sangrentas tiranias. Esse é um dever —segundo nossa opinião— também dos sandinistas, qual será sua contribuição, a contribuição do povo vitorioso da Nicarágua para manter este espírito, manter esta frente ampla.

(...)

Por isso, as afirmações e os temores expressados por certas pessoas, que a Nicarágua ia se converter numa nova Cuba, os nicaraguenses deram uma magnífica resposta: não, a Nicarágua vai se converter numa nova Nicarágua, que é uma coisa muito distinta.

(...)

Não existem duas revoluções iguais. (...) no nosso caso não houve esta frente de que falei anteriormente, inclusive o imperialismo começou imediatamente com suas campanhas, suas agressões; o imperialismo sabia menos, porque o imperialismo aprendeu algo também.

(...)

Deve-se destacar algumas características que temos observado nos companheiros revolucionários nicaraguenses. (...) Souberam combater heroicamente, porém souberam também ser flexíveis, e quando foi necessário negociar para evitar os riscos de uma intervenção não tiveram medo de negociar. (...) Inclusive nessa fase final em que o regime somozista agonizava, discutiram alguma forma de como seria o trânsito final, quer dizer, como seria o enterro de Somoza. E nessas negociações participaram distintos países, participou o Governo de Reconstrução Nacional, participou a Direção sandinista, participaram inclusive os Estados Unidos. (...) Os sandinistas fizeram algumas concessões e foi sábio fazê-las, as que consideraram que deviam fazer, e souberam manter-se firme e não fazê-las onde não deviam fazer.

(...)

De modo que os sandinistas não só souberam ser heroicos e eficientes na guerra, flexíveis na política, foram extraordinariamente magnânimos no triunfo! E estou seguro de que isso vai suscitar as mais amplas

simpatias e vai fortalecer o sentimento de solidariedade em todo o mundo; vai retirar os argumentos e as armas da reação, vai tirar a lenha do fogo da difamação e da calúnia.

Isto demonstra, ademais, a influencia enorme que os comandantes sandinistas e o Governo de Reconstrução Nacional tem sobre as massas, porque as massas não esqueceram nem esquecerão jamais os crimes, as torturas e os bombardeios. Não esqueceram. Porém, deram uma grande prova de confiança na Direção para se segurar, quando era necessário segurar-se.

(...)

Porque disseram: se é necessário uma eleição, não importa que hajam eleições. Qualquer eleição que ocorra na Nicarágua, mesmo com todos os recursos que tenham os reacionários, os sandinistas vão ganhar por amplíssima maioria. Qualquer tipo de eleição, sob qualquer forma constitucional onde o cidadão possa votar e vote, ganham os sandinistas.

É por isso —e isto explico para nosso povo—, que as circunstâncias em que se produziu a vitória nicaraguense determina que as formas que eles adotem sejam diferentes das nossas. Ademais, o fato de que hoje o país está em ruínas, o país está totalmente destruído, requer um programa de reconstrução nacional com a participação de todos os setores da sociedade nicaraguense.

Os sandinistas são revolucionários, não vamos ocultar isto para nós, ninguém vai ocultar, eles não vão ocultar; porém, não são extremistas, são realistas. E da madeira dos realistas se fazem as melhores revoluções, as melhores e mais profundas revoluções. E penso que vão chegar longe, porque não se apressam, porque não são extremistas, porque vão devagar e sabem que objetivo corresponde em cada etapa de um processo político e revolucionário e as formas que se correspondem com esses objetivos. Estou seguro disto.

(...)

Tem muita fome no país. Eu penso que a Nicarágua necessita da ajuda de todo o mundo. Nas semanas anteriores, grande número de dirigentes de países expressou sua disposição a ajudar a Nicarágua. Parecenos o mais justo.

Governos de todos os matizes, de diversas ideologias, de diversos sistemas políticos, expressaram sua disposição de dar uma grande ajuda ao povo nicaraguense. E a Nicarágua necessita.

Inclusive os Estados Unidos expressaram sua disposição de enviar alimentos e instrumentar distintas formas de ajuda. (...) Nos parece muito bom. Martí disse, em uma ocasião, que o céu não quis que os tiranos sejam mais de uma vez sábios. Somoza não foi nem uma só vez; porém, o Governo dos Estados Unidos, pelo menos, foi uma vez, já que é muito melhor em todos os sentidos e mais frutífero, e desenvolve melhor as relações entre os povos e um clima de paz no mundo, enviar alimentos em vez de enviar bombardeiros e fuzileiros navais, como fizeram no Vietnã e como fizeram em vários lugares.

É claro que —já que falei no Vietnã—, a intervenção dos Estados Unidos na Nicarágua teria sido um ato realmente suicida para a política de Estados Unidos no hemisfério, porque não temos a menor dúvida de que os sandinistas teriam seguido lutando, ainda que houvesse uma intervenção ianque. (...)

Nos alegramos de que os Estados Unidos envie alimentos. Nos alegramos de que todos los países enviem alimentos e ajuda de todo tipo ao povo da Nicarágua.

Nós não somos ricos, nós não podemos competir com os Estados Unidos em número de aviões e em toneladas de alimentos. Algo mandaremos, porque da nossa pobreza somos capazes de tirar algo.

E uma questão muito importante: se não temos muitos recursos financeiros ou recursos materiais, temos recursos humanos.

(...)

Viva a vitória revolucionaria da Nicarágua!

Viva Sandino!

Viva a FSLN!

Viva o Governo de Reconstrução Nacional da Nicarágua!

Viva a amizade e a solidariedade entre os povos da Nicarágua e de Cuba!

Pátria ou Morte!

Venceremos!